

7.07.01 - Psicologia / Fundamentos e Medidas da Psicologia

## **SEXUALIDADE FEMININA E DIAGNÓSTICO DE HISTERIA NA PSICANÁLISE FREUDIANA**

Geovana T. Barbosa<sup>1</sup>, Roberto P. C. Matos<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del Rei

<sup>2</sup> Psicólogo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei - Orientador

### **Resumo**

Este trabalho, fruto de uma pesquisa de cunho teórico com fomento do CNPq, buscou compreender a articulação entre a histeria e a sexualidade feminina a partir da psicanálise freudiana. Os sintomas histéricos, durante muito tempo, desafiaram o saber médico por resistirem aos tratamentos corretivos de então, baseados na ideia da histeria como sexualidade desviante e da mulher como mais suscetível à loucura. A psicanálise surge, nesse contexto, como uma modificação radical da própria concepção de sexualidade, centrando o tratamento pela primeira vez naquilo que a histérica tinha a dizer. A partir disso, a histeria passa a ser compreendida por Freud como uma resposta ao complexo de castração e a uma questão com a feminilidade, tida como enigmática. Para a psicanálise, há, portanto, relação entre a sexualidade e o diagnóstico de histeria, mas esta relação se assenta em conceitos muito diferentes daqueles que embasavam a psiquiatria tradicional, tendo a histeria como uma posição subjetiva.

**Palavras-chave:** feminilidade; clínica; neurose

**Apoio financeiro:** CNPq.

**Trabalho relacionado para a JNIC:** Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPE) UFSJ

### **Introdução**

A loucura feminina afigura-se um tema bastante controverso, sendo considerável que, durante muito tempo, a psiquiatria tradicional contribuiu para reforçar uma série de estereótipos ligados à mulher, tida socialmente como frágil e mais propensa à loucura (Engel, 2012). Os diagnósticos e tratamentos se debruçavam, sobretudo, sobre sua sexualidade, pois tanto o desejo feminino quanto a frigidez eram considerados anormais, motivos para caracterizar as mulheres como loucas. Neste contexto, a histeria aparece como a categoria diagnóstica central para denominar a manifestação da loucura nas mulheres, de modo que a psiquiatria tentava, sem sucesso, compreendê-la.

Atualmente, a psiquiatria não utiliza a histeria como categoria diagnóstica em seus manuais, que se propõem ateóricos, mas, frequentemente, seus sintomas continuam a levantar questões sobre a sexualidade, se referenciando pelo discurso dominante. Para a psicanálise, assim, a histeria continua a ser compreendida como um tipo clínico da estrutura neurótica.

A relação da feminilidade com a histeria e com a psicanálise, de um modo geral, foi exaustivamente explorada por Freud em uma série de textos e conferências, nos quais o psicanalista parecia buscar uma definição última do que seria A Mulher. No entanto, até o fim de sua obra, esta definição permanece em aberto.

Muitas críticas têm sido feitas a Freud no que diz respeito às suas teorias sobre a feminilidade. Se ele, enquanto homem do século XIX, não estava isento de apresentar concepções conservadoras sobre a mulher, estas concepções devem ser constantemente revistas pela psicanálise. É importante, porém, compreender os conceitos psicanalíticos dentro da teoria a que pertencem, formulada justamente a partir do contato com as histéricas daquele tempo, que foram encontrar no divã de Freud um lugar em que pudessem falar de si mesmas e de seus conflitos pessoais sem receberem uma

condenação moral, inserindo-se em um contexto de profunda transformação daquilo que se entendia como um tratamento possível para a histeria, que já chegou a envolver até mesmo a extirpação do clitóris. Assim, este trabalho teve como objetivo compreender a relação entre a visão freudiana da sexualidade feminina e da histeria, tendo como base o referencial teórico psicanalítico.

### **Metodologia**

Este trabalho trata-se de uma pesquisa teórica, que teve como metodologia o que Canguilhem (2012) chama de *trabalho de um conceito*. Este procedimento metodológico se caracteriza pela extensão do conceito até seus limites, pela análise dos efeitos da relação deste conceito com outros conceitos; o teste, enfim, da capacidade deste conceito ser fecundo. Esta posição parte de uma epistemologia específica, que sustenta que não há possibilidade de tratar de um fenômeno sem a articulação conceitual.

Sendo assim, buscou-se articular os conceitos de histeria e de sexualidade feminina, tendo como pano de fundo o referencial teórico da psicanálise freudiana. Estes conceitos foram articulados com base, principalmente, na obra do fundador da psicanálise e nos textos de alguns de seus comentadores. Por fim, buscou-se investigar alguns conceitos concernentes ao tema na obra do psicanalista Jacques Lacan.

### **Resultados e Discussão**

A forma como a histeria era vista pelo campo médico no século XIX era logicamente compatível com a visão que a mulher, como frágil e sensível, tinha na sociedade, sendo a loucura considerada, frequentemente, como uma exacerbação das fraquezas a que naturalmente o sexo feminino estaria condenado. Assim, a psiquiatria tradicional, em seu início, contribuiu para a patologização da expressão feminina e da sexualidade da mulher. (Engel, 2012).

A criação da psicanálise se insere neste contexto fortemente ligada a esta temática, uma vez que foi do contato com as mulheres histéricas, na clínica, que Freud formulou seu método e sua teoria. Assim, o primeiro ponto a ser destacado como resultado deste trabalho é a demarcação de uma posição e de uma oposição entre a psiquiatria da época e a psicanálise, cujo ato inaugural foi, justamente, deixar que aquelas mulheres falassem livremente (Appignanesi & Forrester, 2010; Kehl, 2016). Isso coloca uma transformação radical naquilo que se entende como um tratamento possível para a histeria, se baseando na cura pela palavra, e permite que Freud vá escutando em seus discursos as marcas da sexualidade naquele tempo.

O tema da feminilidade aparece extensamente em sua obra, ao longo da qual Freud buscou promover as bases para a diferenciação entre os sexos e determinar aquilo que constituiria a feminilidade – sem, contudo, obter sucesso. Homens e mulheres se defrontariam com o complexo de castração na infância. O recalçamento deste complexo colocaria fim, no homem, no complexo de Édipo; na mulher, seria precisamente o que a levaria para este, através da busca do pai enquanto objeto de amor. Isso colocava uma série de questões para a mulher, a que Freud tentava responder (Freud, 1905; 1917; 1925; 1931; 1933).

Assim, Freud passa a compreender a histeria como uma das respostas possíveis ao complexo de castração; é, portanto, não uma doença que precisa ser curada, mas um posicionamento subjetivo. Na base da histeria, como das neuroses em geral, está a sexualidade (Freud, 1905; 1905b; 1906; 1908). Mas, ao compreender a sexualidade como aquilo que gera as neuroses, Freud também modifica completamente a própria noção de sexualidade, sobretudo devido à descoberta da sexualidade infantil e do caráter perverso polimorfo que persiste na sexualidade adulta. Justamente na contramão da psiquiatria, que buscava corrigir qualquer manifestação sexual que se desviasse da conformidade biológica e dos fins reprodutivos, Freud passa a compreender como sexual muito mais do que simplesmente a genitalidade e o ato sexual propriamente ditos.

Diante da questão que permanece em relação ao enigma da feminilidade, Lacan revisita o tema, interrogando-se se haveria, de fato, algo do feminino enunciável a priori, o que o faz proferir a famosa frase “A mulher não existe”; o que existe são as mulheres, que devem ser contadas uma a uma, não sendo possível reduzi-las em conjunto. Além disso, ele traz esta questão para o gozo enquanto simbolizado, como já havia indicado Freud, pelo significante fálico, afirmando que na mulher

há algo que não pode ser simbolizado em termos de ausência e presença do falo (André, citando Lacan, 1998).

A análise de Freud coloca a histérica, portanto, como um meio termo entre a fuga das exigências sociais em relação ao papel feminino e o protesto contra a situação da qual era, ao mesmo tempo, produto e acusação, de tal modo que Bleichman, citada por Kehl (2016), fala de um *feminismo espontâneo* das histéricas. Ao se voltar contra a lógica fálica que não a abarca e que a deixa sempre na posição do furo e da falta, a histérica promove certa ruptura com essa autoridade que não a contempla, ao mesmo tempo em que, para a manutenção de sua economia psíquica, ela se volte sempre para essa autoridade, ainda que com o intuito de desbancá-la.

### **Conclusão**

Diante do longo caminho percorrido pela psicanálise em relação ao entendimento da histeria e das neuroses de uma forma geral, podemos ter uma melhor compreensão acerca das controvérsias envolvidas na relação desta com a feminilidade. Afinal, Freud não deixava de manifestar, em sua vida pessoal, uma série de posicionamentos que refletiam o período e a posição social em que se encontrava, e, como tal, estes posicionamentos precisam ser revistos. Mesmo na teoria, em diversos momentos ele confessa sua ignorância sobre as mulheres, buscando algo que as definisse, que permitisse colocá-las num conjunto.

Entretanto, não podemos, por essa razão, ignorar que, ao mesmo tempo, o fundador da psicanálise foi responsável por uma série de concepções muito à frente das ideias da época, como a “descoberta” da sexualidade infantil, do caráter perverso polimorfo que persiste mesmo na sexualidade adulta, da etiologia sexual das neuroses e do tratamento pela via da palavra. Apesar das tentativas de definir a mulher, Freud não recuou diante das tantas e tão diversas mulheres que se apresentaram a ele, compreendendo que era de uma questão com a sexualidade que nasciam os sintomas, mas vendo a sua possibilidade de cura, não pela via da repressão dos desejos, mas pelo ato aparentemente simples de falar livremente.

Lacan, mais tarde, vai compreender que A mulher não existe, ao passo que as mulheres são muitas. Se há algo que a psicanálise nos lembra constantemente é que todos nós, homens e mulheres, ainda que de modos dissimétricos, precisamos encarar a castração e buscar substitutos para o falo, perdido para todos nós. Vale ressaltar, assim, o engodo que é colocar no lugar deste falo o pênis, engodo este que tanto explica sobre a nossa cultura e sobre a posição fálica assumida pelo homem, que, este, sim, se permite abrigar em um conjunto.

Nesse sentido, a relação da histeria com a sexualidade feminina passa por uma transformação teórica radical no entendimento da própria sexualidade, o que não deixa de ter consequências éticas e políticas para a sociedade em que a psicanálise se insere. Cabe à teoria psicanalítica, também, a tarefa de evidenciar as consequências subjetivas que se apresentam no modo de resposta histérica e criticar o tipo de contexto que produz estas consequências, fornecendo os recursos necessários para compreendê-lo.

### **Referências**

André, S. (1998). O que quer uma mulher? Rio de Janeiro, Editora Zahar.

Appignanesi, L., Forrester, J. (2010). As mulheres de Freud. Rio de Janeiro, Record.

Canguilhem, George. (2012) Dialética e Filosofia do Não em Gaston Bachelard. In: Canguilhem, G.. Estudos de História e de Filosofia das Ciências . Rio de Janeiro, Forense Universitária.

Engel, M. (2012). Psiquiatria e feminilidade. Em: Priore, Mary(org.): História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto.

Freud, S.; Breuer, J. (1895). Estudos sobre a Histeria. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v II. Edição standard brasileira.

Freud, S. (1905). Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Obras Completas (Cia das Letras) vol. 6. Pp. 13-152.

Freud, S. (1905b). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 11-115.

Freud, S. (1906). Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In: Obras Completas (Cia das Letras) vol. 6. Pp. 348-360.

Freud, S. (1908). As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In: Obras Completas (Cia das Letras) vol. 8. Pp. 237-244. ¶ Freud, S. (1908b). A moral sexual cultural e o nervosismo moderno. In: Obras Completas (Cia das Letras) vol. 8. Pp. 251-271.

Freud, S. (1909). Considerações gerais sobre o ataque histérico. In: Obras Completas (Cia das Letras) vol. 8. Pp. 287-294.

Freud, S. (1917). Teoria Geral das neuroses. In: Obras Completas (Cia das Letras) vol. 13. Pp-264-497.

Freud, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: Obras Completas (Cia das Letras) vol. 16.

Freud, S. (1931). Sobre a sexualidade feminina. In: Obras Completas (Cia das Letras) vol. 18. ¶ Freud S. (1933). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: Obras Completas (Cia das Letras) vol. 18.

Freud S. (1933). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: *Obras Completas (Cia das Letras)* vol. 18.